



A PARÁBOLA COMO RECURSO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

The parable as a didactic resource: an analysis of the good samaritan parable

Braitner Silva Gonçalves¹

Magno Lessa do Espírito Santo²

Edeson dos Anjos Silva³

Derlane Ost Klippel Spiegel⁴

Herika Christina Scalzer Gama Cazoni⁵

Jackson Gomes de Rezende⁶

Clodoaldo Sanches Fófano⁷

Paulo Jonas dos Santos Júnior⁸

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo compreender a parábola como um recurso didático. Para tanto faz uso da parábola do “Bom Samaritano”, destacando o diálogo entre Jesus e o doutor da lei. O trabalho foi metodologicamente estruturado por pesquisa bibliográfica de base qualitativa, por meio de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. Portanto, infere-se que o método empregado por Jesus, conforme aparece no Novo Testamento, não foi invenção Dele, mas consistia em um recurso usado e apreciado com a finalidade de ensinar. Assim, a parábola do “Bom Samaritano” pretende ensinar a prática da misericórdia, destacando o personagem Samaritano como o misericordioso. Com isso, a parábola se propõe, dentro do contexto da narrativa, produzir uma resposta por parte do ouvinte, concreta e imediata, diante de uma questão polêmica.

Palavras-chave: Parábola. Misericórdia. Samaritano.

¹ Graduando em Teologia pelo Centro Universitário São José em Itaperuna-RJ (UNIFSJ).

² Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Especialista em Teologia Bíblica do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Licenciatura em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais (ICSH). Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ).

³ Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV).

⁴ Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV).

⁵ Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV).

⁶ Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV).

⁷ Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ).

⁸ Doutorando em Planejamento Regional e Gestão da Cidade (UCAM). Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Especialista em História e Cultura do Brasil (UNESA). Licenciado em História (ISEED). Bacharel em Teologia (FAECAD). Psicanalista Clínico (FATEB). Coordenador do Bacharelado em Teologia no Centro Universitário São José de Itaperuna. E-mail: paulojsjunior@hotmail.com.

Abstract:

The purpose of this article is to understand the parable as a didactic resource. For this he makes use of the parable of the "Good Samaritan", emphasizing the dialogue between Jesus and the Doctor of the Law. The work was methodologically structured by qualitative bibliographical research, through theoretical sources that support the search for answers on the topic addressed. Therefore, it is inferred that the method employed by Jesus, as it appears in the New Testament, was not His invention, but consisted of a resource used and appreciated for the purpose of teaching. Thus the parable of the "Good Samaritan" intends to teach the practice of mercy, highlighting the Samaritan character as the merciful. With this, the parable proposes, within the context of the narrative, to produce a response on the part of the listener, concrete and immediate, before a controversial question.

Keywords: Parable. Mercy. Samaritan.

Introdução

Os evangelhos apresentam alguns debates religiosos entre Jesus e os fariseus, doutores da lei e escribas, mostrando sempre a perspicácia argumentativa de Jesus. O que eles queriam era uma oportunidade para afirmar que Jesus desconsiderava a lei, dessa forma, eles envolviam Jesus, constantemente, com perguntas de assuntos embaraçosos, com desejo de recriminá-lo em alguma questão. Sendo assim, a intenção dos evangelhos é apresentar Jesus como aquele que ensina verdades celestiais, tendo em vista produzir alguma reação nos ouvintes.

As parábolas foram, em suma, um método de ensino muito usado por Jesus, um recurso didático para responder os questionamentos dos religiosos. Elas eram histórias curtas, que apresentavam aspectos do cotidiano. Segundo Bailey (1995, p. 14), "as parábolas de Jesus são de forma concreta e dramática de linguagem teológica que força o ouvinte a reagir. Elas revelam a natureza do reino de Deus e/ou indicam como o filho do reino deve agir". No entanto, nem todos reagiam da forma que se esperava. Diante disso, o presente artigo tem por objetivo analisar a parábola do "Bom Samaritano", enfatizando o diálogo entre um religioso observador da lei e Jesus. Para tanto, cabe a seguinte questão-problema: De que forma Jesus utilizou a parábola do "Bom Samaritano" como instrumento didático?

Nesse sentido, a primeira seção do trabalho demonstra como era o diálogo de Jesus com os doutores da lei. Na segunda, apresenta a parábola como método utilizado por Jesus para transmitir ensinamentos, de forma que o ouvinte pudesse reagir. Na terceira, discorre sobre a segunda parte do diálogo entre Jesus e os mestres da lei na parábola do "Bom Samaritano", dando destaque à figura de quem é o próximo. Na quarta, aponta como a religião e o legalismo sacerdotal estava acima dos princípios do amor ensinados por Jesus. E na última, discute como os judeus viam a figura de próximo.

Pesquisas assim são importantes para que se compreenda como Jesus utilizou de parábolas a fim de transmitir ensinamentos, respondendo perguntas, além de mudar a percepção do ouvinte sobre a questão polêmicas de sua época, por meio da argumentação.

Um diálogo conflitante e a quebra da austeridade

Os embates entre Jesus e os religiosos eram uma verdade no dia a dia, as raízes de uma profunda tradição, faziam com que eles tentassem desestabilizar Jesus diante de perguntas ambíguas. Rienecher (2005, p. 156) afirma “que os ensinamentos de Jesus eram música estranha no ouvido do mestre da lei, porque ele imaginava que toda a esperança pela salvação de Deus neste mundo e no futuro dependesse do cumprimento da lei”. O texto de Lucas 10. 25-29 deixa isso bem claro:

²⁵ E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? ²⁶ E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês? ²⁷ E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo teu coração, e toda tua alma, e todas as tuas forças, e de todo teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo. ²⁸ E disse-lhe: Respondeste bem; faze isto e viverás. ²⁹ Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? (BÍBLIA SAGRADA, 2009).

Os Israelitas compreendiam que eram herdeiros legais da salvação. De acordo com Bailey (1995, p. 77), “no Antigo Testamento a ideia de herança foi primordialmente aplicada ao privilégio de Israel herdar a terra da promessa. Esta herança é entendida como dádiva de Deus. A herança se torna a vida eterna, a maneira de alcançá-la é observando a lei”. Nota-se que Jesus sabia muito bem que aquele que lhe perguntava era um cuidadoso observador dos mandamentos. O diálogo começa com uma pergunta a respeito da vida eterna: O que se deve fazer para herdar a vida eterna? Diante dessa pergunta, o evangelista diz que Jesus responde fazendo o uso de outra pergunta: O que diz a lei? E como lês? Assim, nota-se que a ênfase recai no fato de que a salvação não é conquistada pelos méritos próprios. Declara Champlin (1995, p. 109):

O texto nos expõe o problema da graça e das obras em suas mútuas relações. Na realidade, não há qualquer contradição entre graça e obras, se forem corretamente entendidas. Quando as obras se tornam em – mérito humano – então sim, isso contradiz a graça divina. Mas quando as obras indicam que o Espírito de Deus opera em nós, com resultados óbvios e visíveis da vida, elas são apenas a – graça em ação.

Pode-se destacar que nessa primeira parte do diálogo, Jesus responde com outras perguntas e a resposta do doutor da lei foi destacar os ensinamentos de Deuteronômio 6.5 e Levítico 19.18. A lei ensinava o amor a Deus e ao próximo. Assim, o doutor da lei sabe “que de modo algum ‘chegou’, que ainda não alcançou a meta da perfeição. Portanto tenta justificar-se. É como se estivesse pensando: ‘A lei não é muito clara, especialmente na questão de amar o próximo. Afinal, quem é o meu próximo?’” (HENDRIKSEM, 2003, p. 90). Com essa pergunta termina a primeira parte do diálogo.

Uso de parábolas para transmitir ensinamentos

Jesus se destacou pela aplicabilidade de expor seus ensinamentos, usou vários métodos como recursos linguísticos, dentre eles, as parábolas. Usando exemplos comuns do dia a dia, dos cidadãos nas suas preleções. De acordo com Cabral (2005, p. 8), a palavra parábola “é uma composição de dois vocábulos gregos: prefixo *para* e o sufixo *ballein* (ou *ballo*), lançar ou colocar do lado de. Portanto, para esse autor, pode-se entender *parábola* como algo que se coloca ao lado de outra, para fim de comparação, ou para demonstrar a semelhança entre dois elementos”. Para

uma melhor interpretação, é preciso verificar como elas tiveram sua aplicação e funcionalidade em diversos cenários diferentes. Segundo Bailey (1995, p. 14):

Há pelo menos seis tipos diferentes de formato em que as parábolas de Jesus funcionam. Para sua interpretação, é essencialmente importante verificar como elas funcionam nesses contextos diferentes. Estes seis tipos são: parábolas em diálogo teológico, parábola em um evento narrativo, parábola em uma história de milagre, parábola em uma coleção topical, parábola em um poema e parábola sozinha.

Na concepção de Jeremias (2007, p. 15), as parábolas têm um pano de fundo simples, mas de enorme alcance. As parábolas de Jesus não são grandes obras de arte. Cada uma delas, foi pronunciada numa situação concreta, dos costumes, e da vida de Jesus. Muitas vezes as parábolas foram contadas em situação de conflitos, de justificação, de defesa, de ataque e de desafio. Cada uma delas era contada exigindo uma resposta concreta e imediata do ouvinte.

A parábola em estudo está inserida dentro do diálogo teológico e Bailey (1995, p. 14) diz que “ela tem uma função importantíssima de formar o clímax de toda a discussão, e não pode ser isolada desta”. Ou seja, não pode ser isolado dos questionamentos do doutor da lei acerca de quem é o seu próximo, provavelmente porque a lei não deixava isso claro, ou havia certa resistência em aceitar pessoas que não eram do círculo judaico. Assim sendo, Jesus conta a parábola:

³⁰ E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. ³¹ E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. ³² E, de igual modo, também um levita, chegando àquele lugar e vendo-o, passou de largo. ³³ Mas um samaritano que ia de viagem chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão. ³⁴ E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele; ³⁵ E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele, e tudo o que de mais gastares eu to pagarei, quando voltar. ³⁶ Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? ³⁷ E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai e faz da mesma maneira (BÍBLIA SAGRADA, 2009).

Assim, frente ao questionamento a respeito de quem é o seu próximo pelo doutor da lei, a parábola é contada por Jesus. Como supracitado, o propósito era produzir uma reação imediata no ouvinte. Diante disso, faz-se necessário analisarmos a estrutura da parábola, destacando o ambiente cultural e social descritos na parábola. Pois, só assim, será possível destacarmos a misericórdia como tema central do ensinamento.

Misericórdia, uma expressão de amor ao próximo.

Na segunda parte do diálogo entre o doutor da lei e Jesus, o enfoque será na parábola acima, dando um destaque na figura de quem é o próximo. Os Judeus viam essa questão com muita dificuldade e resistência, porque acreditavam que o amor deveria ser só ao seu próximo, isto é, ao judeu. Rienecher (2015, p. 159) diz: “Não-judeus eram odiados pelos judeus como

inimigos de Deus. Não podiam ser considerados ‘próximos’. No entanto, aquilo que se enquadra no conceito de próximo é mostrado por Jesus na narrativa do bom samaritano.”

O contexto dessa narrativa é uma viagem de um homem por um caminho muito perigoso, sujeito a assaltos e, o inesperado poderia acontecer a qualquer momento. Nota-se que o viajante foi assaltado e deixado quase morto pelo caminho. Rienecher (2015, p. 157) comenta:

As duas cidades aqui mencionadas, Jerusalém e Jericó, distam cerca de sete horas uma da outra. O caminho de Jerusalém a Jericó levava pelo temido deserto rochoso de Judá. Essa região era mal afamada por causa de sua insegurança. Nesse trajeto aconteceu que o homem caiu entre os assaltantes, foi despido e violentamente maltratado, sendo, por fim, abandonado semimorto. O infeliz estava entregue à morte certa no deserto solitário, porque em virtude dos perigos do caminho não se poderia esperar a chegada oportuna de outro viajante.

Nesse caminho, por apresentar grandes perigos, uma pessoa nesse estado provavelmente sucumbiria devido aos sofrimentos. Se, por ventura, chegasse alguém, aquele que estava enfrentando tão grande infortúnio, dependeria de grande misericórdia. A prática da misericórdia é constante nos evangelhos. Assim, conforme Lawrence (2008, p. 152) no “Novo Testamento, a ideia de misericórdia pode ser entendido sob um foco mais nítido. A misericórdia é uma resposta compassiva; que envolve a participação no sentimento de alguém que esteja sofrendo, e procurando ajudá-la”.

Com a indicação que havia um problema étnico, cultural e religioso envolvendo aquele lugar, tinham-se duas maneiras práticas para reconhecer um próximo. Segundo Bailey (1995, p. 85), o “Oriente Médio era e é formado por várias comunidades étnico-religiosas. O viajante é capaz de identificar os estranhos de duas maneiras. Ele pode falar ao desconhecido na estrada, ou até mesmo antes disso, ele pode identificá-lo pela maneira de vestir”.

A narrativa vai muito mais além do que simplesmente o é. O viajante estava despido. Então, não daria para reconhecê-lo através da vestimenta e nem da fala, pois estava quase morto. Como reconhecer se era um próximo ou um irmão judeu. A parábola prossegue com uma plateia aflita por ver o final da narrativa. Nessa altura da narrativa, dois personagens são apresentados: o sacerdote e o levita.

Religiosidade e legalidade acima do cuidado ao próximo

Quando o sacerdote viu o viajante caído passou de largo, por certo o legalismo religioso estava impregnado na sua forma de se relacionar com o outro. Bailey (1995, p. 85-87) diz que o sacerdote, provavelmente, era prisioneiro do seu próprio sistema legal/teológico. A vida para ele era um sistema codificado de – faça- e – não faça. Culminando assim num sistema de regras, deixando de lado a verdadeira essência que é o amor e sua prática. Do mesmo modo, Jesus usa outra figura bem conhecida: o Levita. Esse, de igual modo, negligencia os cuidados àquele ferido à beira do caminho, não importando se era um judeu ou não.

Diante disso, observa-se que o altruísmo estava longe desses dois religiosos. Não se preocuparam com o sofrimento alheio. Champlin (1995, p. 110) afirma que “no caso em foco, a visão do sofrimento humano meramente lembrou aqueles homens religiosos que eles tinham ainda maior necessidade de se apressarem, porém poderiam também cair vitimados pelos assaltantes”. Nota-se que Jesus usa uma figura bastante inusitada aos olhos daquele mestre da lei, um samaritano.

Uma figura de próximo mais indesejada possível

Os samaritanos não tinham uma boa relação com os Judeus e, de maneira alguma, poderiam ser comparados com um próximo. De acordo com Champlim (1995, p. 110):

As divergências religiosas entre os judeus de Jerusalém e os samaritanos giravam, essencialmente, em torno do lugar de adoração, ao mesmo tempo em que os samaritanos não aceitavam como escritura os escritos dos profetas e esperavam que Moisés voltaria como uma espécie de Messias (o que nos mostra o conceito messiânico diferente entre esses dois povos). O templo samaritano em Gerisim era o fulcro principal do antagonismo, mais a mistura racial dos samaritanos era menosprezada pelos judeus de Jerusalém. Jesus escolheu de propósito os desprezados samaritanos para ilustrar o correto tratamento que se deve dar ao próximo.

Percebe-se que o que Jesus queria ensinar aquele mestre era a preocupação e socorro com quem quer seja deveria ser uma prática normal do homem, tendo em vista, que as barreiras impostas pela religiosidade deveriam ser derribadas em nome do amor e da compaixão. Enquanto o sacerdote e o levita não prestaram os cuidados necessários ao caído, chega até o ferido um sujeito inusitado, um samaritano.

Nota-se que a história ganha proporções gigantescas, pois poderia contar uma cena com um judeu leigo. Após o sacerdote e o levita, quem estava a prestar o socorro era um impuro, fazendo do samaritano um ser moralmente maior que qualquer um deles, e tendo íntima compaixão daquele que estava caído. Segundo Bailey (1995, p. 92), “a palavra grega – compaixão- (*splanchnizomai*) tem sua raiz a palavra – entranhas- (*spalnchnon*). É uma palavra muito forte como figura, tanto em grego como em semítico”. Ao vê-lo caído, despe-se de qualquer egocentrismo, oferecendo ao estranho homem o melhor e maior ato de misericórdia que poderia oferecer, atando as feridas e usando de azeite e vinho sobre os ferimentos, proporcionando o melhor lugar para sair daquele incômodo, que era sua cavalgadura até uma hospedaria para ser cuidado.

Jesus novamente volta sua atenção ao mestre, perguntando-lhe: “Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? O doutor da lei responde: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai e faz da mesma maneira” (BÍBLIA SAGRADA, 2009). Dessa forma, faz-lhe compreender que misericórdia é um fator preponderante.

Considerações finais

Diante da proposta apresentada pela parábola do “Bom Samaritano”, compreende-se a temática da misericórdia. O mestre da lei nos dias de Jesus foi confrontado quando quis saber a respeito de quem é seu próximo. Jesus lhe deu uma lição, pois o próximo não é a pessoa que convém e, sim aquele que precisa de um gesto de amor em uma hora de sofrimento e dor. Ao ver caído um concidadão judeu, tanto o sacerdote, quanto o levita não se sensibilizaram com aquele infortúnio.

Não obstante aquele que não tinha uma relação étnico-religiosa não se deu por satisfeito em apenas parar, mas colocou o ferido sobre a cavalgadura e o levou para um lugar seguro para ser tratado com todo zelo, não se intimidando com as questões de conflito que viviam, judeu e samaritano. O reconhecimento diante do fato era desafiador para alguém que vivia sobre as batutas do legalismo religioso.

A misericórdia é um atributo indiscutível de alguém que reflete ser um filho de Deus. Assim, o apelo da parábola é um apelo moral, de maneira que, no texto, o relacionamento com

Deus se reflete no relacionamento com o próximo. Logo, as ações estão muito mais além do credo, cor e classe social. Fazer o bem ao próximo é trazer calma em uma grande tempestade, é verdadeiramente fazer que Deus seja revelado às pessoas através de atos humanos.

Referências

- BAILEY, Kenneth E. *Parábolas de Lucas*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- BÍBLIA SAGRADA. *Revisada e corrigida no Brasil*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 4ª.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 2009.
- CABRAL, Elionai. *Parábolas de Jesus*. 1ª.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- CHAMPLIM, R. Normam. *O Nono Testamento Interpretado, versículo por versículo*. 6 vol. 9ª. ed. São Paulo: Candeia, 1995.
- HENDRIKSEM, Willian. *Comentário do Novo Testamento: Exposição do Evangelho de Lucas*. Vol 2. 1ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. 10 ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- LAWRENCE, O. Richards. *Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- RIENECHER, Fritz. *Evangelho de Lucas: Comentário esperança/ Fritz Rienecher; Tradução, Wener Fuchs*. Curitiba: Editora evangélica Esperança, 2015.